

NOTAS HISTÓRICAS Y GEOGRÁFICAS

Artículos

**AS CONEXÕES ECONÔMICAS E DIPLOMÁTICAS ENTRE AS DITADURAS DO
BRASIL E DO CHILE (1973-1985)**

THE ECONOMIC AND DIPLOMATIC CONNECTIONS BETWEEN THE
DILATIONS OF BRAZIL AND CHILE (1973-1985)

Tiago Francisco Monteiro

Universidade Federal do Rio de Janeiro
tiagobenin@yahoo.com.br

Recibido el 17 de octubre de 2018

Aceptado el 1 de diciembre de 2018

Resumo

O presente artigo pretende analisar, primeiramente, os vínculos econômicos estabelecidos pelas ditaduras do Brasil e do Chile entre os anos de 1973 a 1980. Em segundo lugar, examinaremos também as formas em que as políticas externas de ambos os países se conectaram a fim de fortalecer suas posições no ambiente nacional e de resistir melhor às pressões externas. Estudaremos também as visitas oficiais dos chefes de governo de um país ao outro e faremos uma breve revisão bibliográfica sobre os laços entre ambas as ditaduras.

Palavras-chaves: Ditadura Militar - Políticas Econômicas - Políticas Externas..

Abstract

The present article intends to analyze, first, the economic ties established by the dictatorships of Brazil and Chile between 1973 and 1980. Second, we will also examine the ways in which the foreign policies of both countries have connected in order to to strengthen their positions in the national environment and to better withstand external pressures. We will also study the official visits of the heads of government from one country to the other and will make a brief bibliographical review of the links between the two dictatorships.

Keywords: Military Dictatorship - Economic Policies - Foreign Policies

Para citar este artículo:

Francisco Monteiro, Tiago. "As conexões econômicas e diplomáticas entre as ditaduras do Brasil e do Chile (1973-1985)" *Revista Notas Históricas y Geográficas*, 21, Julio -Diciembre, 2018: pp. 68 - 88

1. INTRODUCCIÓN: UM BREVE DEBATE BIBLIOGRÁFICO SOBRE AS RELAÇÕES E ASSOCIAÇÕES ENTRE DAS DITADURAS DO BRASIL E CHILE

As primeiras reflexões que se propuseram a relacionar as experiências ditatoriais do Brasil (1964-1988), do Chile (1973-1990) e de outros países sul-americanos foram realizadas por estudiosos que tinham como meta compreender o momento histórico em que viviam, descobrir os fatores que resultaram na deflagração dos golpes de estados, entender a natureza de tais ditaduras e os teores das reformas econômicas adotadas, apontar as características dos grupos militares que assumiram o poder, entre outras questões.

Os estudos de Guillermo O'Donnell, Manuel Garretón e Agustín Cueva estão entre os mais relevantes desse programa de estudos e a partir deles foram desenvolvidos alguns dos conceitos imprescindíveis para os estudos relativos às ditaduras da América Latina como os conceitos como Estado Burocrático-Autoritário, Fascismo latino-americano, Aprofundamento da Industrialização¹

O exame das ideias políticas que norteavam os líderes e forças políticas civis e militares que sustentaram ditaduras gerou pesquisas que se concentraram no estudo da Doutrina de Segurança Nacional (DSN). Joseph Comblin e Jorge Tapia Valdés estiveram entre os pesquisadores que apresentaram os fundamentos ideológicos básicos da DSN, suas origens estadunidense, as formas de difusão de seus valores e como cada país reinterpretou a DSN a partir de suas realidades.²

Recentemente, diversos estudiosos revisitaram as propostas de Comblin, Tapia Valdés e daqueles que compartilhavam dos principais argumentos dos autores citados e concluíram que tais pesquisas não deram a devida importância à influência que o pensamento militar francês, a chamada doutrina da guerre révolutionnaire, teve na mentalidade dos militares latino-americanos. De acordo com esses recentes estudos, a doutrina da guerre révolutionnaire teve maior aceitação na América latina porque, entre outros pontos, colocou a América Latina como uma das principais frentes da luta mundial contra o comunismo, desenvolveu uma definição de inimigo flexível bastante para servir às diferentes realidades nacionais e no plano

¹ Cueva, Agustín. "Intervencione", Cuadernos Políticos (1978), O'Donnell, Guillermo. 1987. Reflexões sobre os Estados Burocráticos-Autoritários (São Paulo: Vértice, 1987) e Garretón, Manuel. 1983. El proceso político chileno (Santiago: FLASCO, 1983).

² Comblin, Joseph. 1980. A Ideologia de Segurança Nacional (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980) e Tapia Valdés, Jorge A. 1980. El terrorismo de Estado. La Doctrina de la Seguridad Nacional en el Cono Sur (México D.F: Nueva Sociedad/Editorial Nueva Image, 1980).

internacional considerava que o cenário do confronto mundial da Guerra Fria seria o Terceiro Mundo e que os comunistas não privilegiariam o arsenal nuclear, mas a subversão dos valores da sociedade ocidental e a ação de pequenos grupos que promoveriam ações armadas e uma revolução comunista em um determinado país.³

O artigo “The Brazilian Connection” de Marlise Simons publicado no jornal Washington Post em janeiro de 1974 e os trabalhos de pesquisadores como René Dreifuss e Luiz Moniz Bandeira foram precursores de uma vertente de estudos que apontaram a participação de brasileiros na organização e no planejamento do golpe que depôs o presidente chileno Salvador Allende em 1973 sem questionar que o país estrangeiro que mais contribuiu para a instalação da ditadura no Chile foi os EUA. Esses autores apontaram as ações de grupos e empresários anticomunistas brasileiros nas trocas de informações entre militares brasileiros e do Chile e nas redes de contrabando de armas e divisas para organizações de extrema-direita opositoras ao governo Allende, como o Pátria y Libertad.⁴

Uma série de fatores contribuiu para o aumento de pesquisas nessa área e um deles foram os relatos presente no livro de Nathaniel Davis sobre sua experiência como embaixador dos EUA no Chile de 1971 a 1973 e as entrevistas que esse diplomata forneceu na década de 1980 uma vez que Davis refirmou o empenho do embaixador brasileiro Antônio Câmara Canto na articulação da deposição de Allende e citou a participação de empresários de outros países sul-americanos.⁵

Os relatos de vários exilados brasileiros que viviam no Chile na ocasião do golpe foram outros fatores que contribuíram com essa perspectiva que aponta a contribuição de setores conservadores do Brasil ao golpe de setembro de 1973. Por exemplo, Fernando Gabeira e Alfredo Sirkis afirmaram que os exilados tinham consciência de que a embaixada do Brasil em Santiago funcionou como um centro de informações e vigilância dos exilados antes mesmo do golpe de 1973 e que agentes brasileiros torturaram compatriotas no Estádio Nacional e também colaboraram

³ Martins Filho, João. R. “A influência doutrinária francesa sobre os militares brasileiros nos anos de 1960”, Revista Brasileira de Ciências Sociais 23 (2008): 39-50. Robin, Marie-Monique. 2008 Escadrons de la Mort, l’Ecole Française (Paris: La Decouverte, 2008).

⁴ Jornal do Brasil, 1985. “Brasil evitou ação oficial”. 07.11.1985, p. 15. Dreifuss, René. 1981. 1964: a conquista do Estado (Petrópolis: Vozes, 1981): 424. Bandeira, Luis A. Moniz. 2008. Fórmula para o caos: ascensão e queda de Salvador Allende (1970-1973). (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008).

⁵ Jornal do Brasil. “Médici e Allende – Informe JB”. 05.11.1985, p. 06. Jornal do Brasil, “Ex-embaixador dos EUA conta a ‘conexão brasileira’ no Chile”. 08.11.1985, p. 13. Davis, Nathaniel. 1990. Os Dois Últimos Anos de Salvador Allende (Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1990).

com militares chilenos envolvidos na repressão. Patricia Verdugo, por sua vez, fez referências de que instrutores brasileiros ensinaram métodos de tortura aos chilenos e também mencionou a importância da solidariedade de brasileiros à oposição antiditatorial chilena⁶

O acesso aos arquivos documentais outrora fechados à consulta pública tem sido outro fator determinante para esse campo de estudos. Moniz Bandeira, por exemplo, pesquisou os arquivos do Departamento de Estado dos EUA, dos serviços de informações e repressão da ditadura brasileira como o Centro de Informações do Exército (CIEEX) e o Serviço Nacional de Informações (SNI) e do ministério das Relações Exteriores do Brasil. Assim, como resultado, apontou que táticas utilizadas na preparação do golpe do Brasil foram utilizadas no Chile em 1973 como a prática de desestabilizar um governo antes de depô-lo e a formação de alianças entre associações empresariais e grupos de oficiais conservadores. Entre outros pontos, o autor demonstrou as ações dos funcionários do general e ditador Emílio Médici (1969-1974) em território brasileiro e chileno tiveram início antes da posse de Allende em 1970. Seguindo a linha de Moniz Bandeira, Mila Burns privilegiou em seu estudo a importância de Roberto Campos e do já citado embaixador Câmara Canto nas conspirações responsáveis pelo golpe no Chile⁷.

As pesquisas relativas as conexões entre os aparatos de informação e repressão das ditaduras dos países sul-americanos também cresceram em confluência com a abertura de várias fontes documentais. Os temas mais recorrentes nesse campo de estudos têm sido o funcionamento dos órgãos de informações e repressão além das práticas de tais instituições como a espionagem, a prisão, a tortura e o desaparecimento de adversários. As trocas de informações com instituições de outros países que tinham as mesmas funções tem sido outro assunto recorrente. Em relação a essas questões, a chamada Operação Condor ocupa uma posição privilegiada nos estudos em função de ter reunido um número significativo de países, Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Paraguai, Peru e Uruguai, por ter realizado operações não apenas nos países membros, mas também nos EUA e na

⁶ Jornal do Brasil. “Diplomatas refutam livro de Davis”. 06.11.1985, p. 15. Verdugo, Patricia. 2008. A caravana da morte (Rio de Janeiro: Revan, 2008): 11.

⁷ Bandeira, Luis A. Moniz. 2008. Fórmula para o caos: ascensão e queda de Salvador Allende (1970-1973). (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008). Burns, Mila. “El modelo brasileño: la influencia de Roberto Campos y Cámara Canto en la dictadura chilena”, Nuevo Mundo. Mundos Nuevos, (2016).

Europa, em razão também de ter atingido indivíduos de várias nacionalidades, pelo volume de troca de informações, de prisões e detenções entre outros fatores.⁸

Diante dessa vasta produção, o presente artigo visa contribuir com esses debates a partir de um estudo que privilegia as associações entre ambos os regimes ditatoriais fora da área repressiva. Para tanto, examinaremos, em primeiro lugar, as relações econômicas entre ambos os países entre o golpe de 11 de setembro de 1973 a até o final de 1980. Escolhemos esse recorte em razão do elevado intercâmbio econômico entre ambos os países e de ter compreendido a maior parte do chamado “Milagre Chileno”. No tocante das relações políticas, estudaremos os vínculos diplomáticos entre os países citados do período da instalação da ditadura chilena, era de significativa afinidade, até o ano de 1985, em que foi empossado um governo civil e simpatizante da oposição liberal-democrática do Chile.

2.OS VÍNCULOS ECONÔMICOS ENTRE BRASIL E CHILE (1973-1980)

No dia 11 de setembro de 1973 as forças armadas chilenas e os carabineiros, a polícia nacional fardada, deferiram um golpe de Estado contra o presidente Salvador Allende, contra o regime democrático vigente e assumiram o poder através de uma Junta Militar formada pelo comandante-em-chefe do Exército, general Augusto Pinochet, pelo comandante-em-chefe da Armada, almirante José Toribio Merino, comandante-em-chefe da FACH, general-brigadeiro Gustavo Leigh, e pelo diretor-geral dos Carabineiros, general Cesar Mendoza.

Esses acontecimentos foram recebidos com entusiasmo pelas direitas e líderes ditatoriais brasileiros, os quais foram o primeiro país a reconhecer a nova ordem chilena (13 de setembro de 1973). Dias depois, chegaram ao Chile os primeiros aviões militares brasileiros carregados de alimentos e medicamentos para ajudar a Junta Militar a consolidar sua posição.⁹ O reconhecimento por parte do Brasil também foi motivado por uma solicitação do general Pinochet ao coronel Walter Mesquita de Silveira, adido militar do Brasil e ativo colaborador dos militares golpistas. Nesse

⁸ Dinges, John. 2005. Os anos do Condor. Uma década de terrorismo internacional no Cone Sul. (São Paulo: Cia das Letras, 2005). BAUER, Caroline. 2010. “De Jango, de Silvio Tendler, aos dias de hoje: uma atualização do debate sobre a morte do ex-presidente João Goulart”. En: A Ditadura de Segurança Nacional no Rio Grande do Sul (1964-1985): história e memória. Vol. 03. (Porto Alegre: Corag, 2010): 230-239.

⁹ MRE, Ministério das Relações Exteriores. Relatório 1973 (Brasília: Serviço de publicações da divisão de documentação diplomática, 1973), 29.

mesmo período, segundo reportagem do jornal *O Estado de São Paulo*, foram iniciadas as negociações que resultaram na chegada ao território brasileiro dos primeiros militares e policiais chilenos que foram treinados por instrutores dos órgãos de informação e repressão do Brasil. Alguns desses indivíduos treinados no Brasil fizeram partes dos órgãos repressivos do Chile, como a DINA.¹⁰

Os eventos descritos no último parágrafo foram as primeiras manifestações da intensão do Brasil em auxiliar na consolidação da ordem ditatorial no Chile. Essa postura foi motivada por fatores como a congruência ideológica entre os dois regimes – ambos partilhavam os preceitos da DSN e da doutrina francesa –; a meta brasileira de se consolidar internacionalmente como uma potência emergente e, aos olhos dos EUA, como o seu principal aliado na luta contra o comunismo no sul do ocidente e de manter alta as suas taxas de crescimento econômico, as quais atingiram a média de 10% de crescimento entre 1968 a 1973, período conhecido como “Milagre Econômico”¹¹.

No que lhe concerne, a Junta Militar chilena também considerava útil essa aproximação com o Brasil porque sua economia estava arruinada em função do bloqueio internacional ao governo Allende e dos atos de sabotagem promovidos pelos conspiradores para minar a administração da Unidad Popular. Igualmente, o apoio brasileiro poderia contrabalancear as pressões de países que reprovavam a violência política promovida pelos militares a partir de 11 de setembro de 1973. Outro favor que foi levado em conta pelos líderes chilenos é que os brasileiros poderiam capacitar militares e policiais do Chile para as operações contra as oposições ao poder ditatorial estabelecido.

É importante destacar também que os laços de amizade entre os dois países não foram construídos exclusivamente pelas ditaduras militares. Como demonstraram Álger Soto, Rogelio Núñez e Cristián Garay¹² (2012), Brasil e Chile tinham uma tradição de cooperação binacional e convergência em diversas questões internacionais por várias causas como a rivalidade de ambos os países em relação à Argentina. Por outro lado, a partir de 1962, diferenças políticas entre os dois países

¹⁰ Bandeira, Luis A. Moniz. 2008. Fórmula para o caos: ascensão e queda de Salvador Allende (1970-1973): 549-560. *O Estado de São Paulo*. “Arquivos revelem como Brasil ajudou a ditadura chilena”. 27.04.2014, <http://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,arquivos-revelam-como-brasil-ajudou-a-ditadura-chilena-imp-,1159107> Acesso em 26.06.2017.

¹¹ Francisco Luna e Herbert Klein. 2014. “Transformações econômicas no período militar”. En: *A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964* (Rio de Janeiro: Zahar, 2014): 95-100.

¹² Ángel Soto [et. al]. *Las relaciones chileno-brasileiras* (Santiago: RIL Ediciones, 2012).

diminuíram essa proximidade. Contudo, as singularidades do momento histórico pós-1973 foram a existência de ditaduras militares nos dois países e a estratégia dos líderes e ideólogos brasileiros e chilenos em se associar para caçar seus adversários, para enfrentar as pressões internacionais e para promover as reformas econômicas que as parcelas das classes dominantes mais associadas ao capital internacional exigiam, mas que não foram capazes de implementar em um sistema político democrático.

No campo econômico, o primeiro esforço de estreitar os vínculos econômicos entre os dois países teve início em outubro de 1973, quando chegou ao Brasil uma missão encabeçada pelo presidente do Banco Central do Chile, general Eduardo Cano, para negociar com autoridades brasileiras e um dos resultados dessas conversas foi a abertura de uma linha de crédito de 50 milhões de dólares para o Chile, os quais seriam destinados à importação de bens de capital e equipamentos do Brasil¹³.

Em março de 1974, o general Ernesto Geisel sucedeu o general Emílio Médici como presidente e ditador do Brasil. Sua equipe econômica continuou com a estratégia de aproximação econômica com o Chile e, em maio do mesmo ano, Javier Herrera, gerente comercial da estatal chilena Empresa Nacional de Minería (ENAMI), visitou o Brasil e firmou com autoridades brasileiras um convênio de exploração conjunta das jazidas de cobre chileno e uma linha de créditos de US\$ 5 milhões para ampliação e compra de equipamentos para uma fábrica chilena de ácido sulfúrico. Em julho do mesmo ano, autoridades de ambos os países se reuniram em Santiago para reativar a Comissão Especial de Coordenação Brasileiro-Chilena, a qual não se reunia desde 1968, e para discutir assuntos como o aumento da cooperação econômica, financeira, cultural, técnica e científica entre ambos os países.

Em outubro de 1974, empresários e tecnocratas brasileiros chegaram a Santiago para discutir a possibilidade da assinatura de um acordo de cooperação com a Empresa Nacional de Electricidad S.A. (ENDESA). Nessa ocasião, os brasileiros foram recebidos pelo almirante Merino. Em novembro de 1974, industriais brasileiros do ramo de máquinas e equipamentos gráficos acompanhados

¹³ MRE, Ministério das Relações Exteriores. Relatório 1973 (Brasília: Serviço de publicações da divisão de documentação diplomática, 1973), 28-29.

pelo ministro das Comunicações do Brasil, almirante Euclides Quandt, participaram da Feira Internacional de Santiago (FISA) e fecharam vários negócios.

Durante o ano de 1975, uma missão chilena esteve no Brasil assinou um contrato segundo o qual a Financiamento de Insumos Básicos S.A (FIBASE), que era subsidiária do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE) e que detinha o controle acionário da empresa Caraíba Metais, faria empréstimos para a exploração de jazidas de cobre no Chile por um consócio brasileiro-chileno¹⁴.

O ano de 1975 foi importante para ambos os países porque, em relação ao Chile, foi o ano em que os chamados Chicago Boys – o grupo de economistas e tecnocratas neoliberais e que contavam com apoio de importantes parcelas do empresariado e da direção ditatorial chilena – começaram a pôs em prática a “política do shock”, isto é, um conjunto de medidas orientadas pelo ideário neoliberal e que visavam transformar as bases econômicas chilenas. Os pontos mais importantes desse programa foram os programas de privatização, de diminuição dos gastos públicos, a abertura econômica através da na redução da taxa de câmbio e dos impostos sobre a importação, na adoção do cambio único em relação ao dólar, entre outros pontos¹⁵.

No Brasil, por sua vez, ainda que fosse registrado um elevado déficit comercial em 1974, as lideranças políticas continuaram convictas que a estratégia a ser seguida deveria ser de manutenção de uma estratégia de manter as políticas desenvolvimentistas associadas com o endividamento externo pois se acreditava que, mantidas determinadas precauções, os valores da dívida externa não comprometeria o crescimento econômico do país. Tal concepção já estava sendo posta em prática através do II Plano nacional de Desenvolvimento (II PND), que foi lançado em setembro de 1974. O II PND exigia ativa presença do Estado, através de investimento, incentivos e planejamento, elevação dos investimentos públicos nos setores da insumos básicos e bens de capital. No tocante aos países latino-americanos, previa o aumento as exportações de bens industriais brasileiros para a

¹⁴ Jornal do Brasil, “Cobre tem exploração conjunta”. 15.05.1974, p. 15. Jornal do Brasil. “Brasileiros debatem cooperação no Chile”. 27.08.1974, p. 15. Jornal do Brasil. “Máquinas Catú, na Feira Internacional do Chile impressiona Ministro das Comunicações: tudo vendido”. 05.12.1974, p. 15. República de Chile: Actas de la Junta de Gobierno (Santiago): 27.08.1975, p. 39. Jornal do Brasil. “Fibase atuará na exploração das minas de cobre do Chile”. 17.09.1975, p. 19.

¹⁵ Gárate, Manuel. 2016. *La Revolución Capitalista de Chile: (1973-2003)* (Santiago: Ediciones Universidad Alberto Hurtado, 4ª Edición, 2016): 196-215.

região, a importação a preço baixo de itens fundamentais para a economia brasileira e uma maior integração entre as economias locais¹⁶.

Desta maneira, as mudanças na área econômicas de ambos os países se complementavam e as transações comerciais continuaram nos anos seguintes. Em 1977, o Banco do Brasil inaugurou agências nas cidades chilenas de Antofagasta, Valparaíso e Concepcion, as quais tinham como principais atividades econômicas a mineração, o comércio portuário e a indústria¹⁷.

Em setembro de 1978, outra transação resultou na aquisição de milhares de veículos produzidos no Brasil e tal compra resultou em um incidente diplomático entre os dois negociantes e a Argentina uma vez que nessa conjuntura estava ocorrendo o chamado Conflito do Beagle, em que Argentina e Chile disputavam a soberania de algumas ilhotas no canal de Beagle (extremo-sul das Américas). Uma comissão internacional julgou o caso e deu ganho de causa para o Chile e o governo argentino, liderado pelo general e ditador Jorge Videla, não aceitou tal decisão e isso abriu a possibilidade de um confronto armado. Por esses motivos, o governo Videla fechou suas fronteiras com o Brasil para impedir a passagem dos veículos comprados pelo Chile em seu território sob a alegação de que essas mercadorias seriam utilizadas para transportar tropas e armas para a região de Beagle. Diante da posição argentina, os governos do Brasil e Chile anunciaram que a importação dos veículos pesados brasileiros seria realizada por via marítima enquanto negociavam com a administração do general Videla, a qual concordou em reabrir as fronteira com o Brasil mas, dias depois, o governo argentino voltou a vetar a passagem de minitratores e automóveis oriundos do Brasil para o Chile. Contudo, no final de setembro as relações entre Brasil e Argentina foram normalizadas¹⁸.

Nesse mesmo ano de 1978, os governos Geisel e Pinochet firmaram um acordo segundo o qual o Chile venderia 112 mil toneladas de cobre e tal medida firmou o Brasil como o segundo maior comprador do cobre chileno no ano de 1978, posição que perdurou até 1980. Além do cobre, o vinho foi um importante item de importação chileno para o Brasil. Para se ter uma ideia, o volume comercial passou

¹⁶ Castro, Antônio e Souza, Francisco. 1985. *A economia brasileira em marcha forçada* (Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1985): 27-47. Francisco Luna e Herbert Klein. 2014. "Transformações econômicas no período militar". En: *A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964* (Rio de Janeiro: Zahar, 2014): 100-107.

¹⁷ *Jornal do Brasil*. "Empresas". 17.12.1977, p. 20

¹⁸ *Jornal do Brasil*. "Argentina reabre a fronteira a veículos vendidos ao Chile" 10.09.1978, p. 20. *Jornal do Brasil*. "Itamarati se irrita com veto argentino a automóveis". 15.09.1978, p. 16.

de 100 mil litros em 1970 para 4 milhões de litros no ano de 1978. Ou seja, cresceu nada menos que 4000%. O Brasil importava também salitre, celulose, papel de jornal e outros produtos chilenos¹⁹.

Os sete primeiros anos de expressivos acordos e intercâmbios econômicos favoreceram a estabilidade econômica e política de ambas as ditaduras. Em relação ao Chile, as reformas neoliberais postas em prática a partir de 1975 tiveram como efeito a redução das taxas de inflação e a recuperação econômica a partir de 1977. Os setores econômicos que capitanearam o crescimento da economia chilena foram as exportações de cobre, pescado, madeira e vinhos juntamente pelo investimento privado em ramos como a construção civil e o mercado financeiro. O governo manteve uma política de arrocho salarial e de baixo investimento público nas áreas sociais, cujas consequências foram a persistência de elevados índices de desemprego e pobreza. Os anos de 1977 a 1981 têm sido conhecidos como “Milagre Chileno” em razão do fato da economia chilena ter crescido em média 7% entre 1977 a 1981 e das classes médias e dominantes terem tido um elevado aumento no nível de vida, cujos principais símbolos foram o aumento das viagens internacionais, da cesta de consumo e da compra de automóveis, televisores a cores e outros produtos importados²⁰.

As trocas comerciais com o Brasil foram importantes para a recuperação econômica chilena uma vez que os brasileiros compravam os principais artigos de exportação da economia chilena. Em segundo lugar, a balança comercial entre os dois países favoreceria os chilenos. Por fim, a decisão do Brasil em continuar com políticas desenvolvimentistas em meados da década de 1970, momento em que muitos países capitalistas adotavam práticas recessivas em virtude da crise econômica mundial iniciada com o “choque do petróleo” (1973), também propiciou os empréstimos e linhas de crédito desse país para o Chile.

No tocante do Brasil, os últimos anos da década de 1970 foram de queda nos índices econômicos, de aumento significativo da dívida externa, da ampliação do desemprego e da miséria entre a população. O modelo econômico imposto ao país a

¹⁹ Jornal do Brasil. “Visita ao Chile será econômica”. 03.10.1980, p. 02. Mensaje presidencial. 11 septiembre 1976 – 11 septiembre 1977 (Santiago: Gendarmeria de Chile, 1977): 233. Divisão de Segurança e Informações do Ministério das Relações Exteriores “Argentina – Viagem presidencial à Argentina, 1980. Informações sobre a Argentina: dados básicos”. 03.05.1980 [g]. Secreto. 21º Despacho. 03.05.1980.

²⁰ Gárate, , Manuel. 2016. La Revolución Capitalista de Chile: (1973-2003) (Santiago: Ediciones Universidad Alberto Hurtado, 4ª Edición, 2016): 221-228.

partir de 1964, o qual era baseado em elementos como a associação entre capital público e privado em prol das multinacionais e das burguesias das cidades e do campo, o incentivo fiscal ao grande capital em detrimento do investimento público nas áreas sociais, no arrocho salarial, a aquisição de empréstimos e tecnologia externa, resultou na maior crise econômica da história do Brasil²¹.

Contudo, primeiramente, a recessão não atingiu todos os setores de forma igual. A indústria armamentista brasileira cresceu significativamente nesse mesmo período e o Chile foi um dos principais clientes do Brasil²². Em segundo lugar, o país governado por Pinochet importou do Brasil principalmente produtos industriais como equipamentos eletromecânicos, motosserras, automóveis, caminhões, tratores e o já citado material bélico. Tais negócios envolveram empresas multinacionais instaladas no Brasil tais quais a FIAT, a General Motors, a Mercedes-Benz, Scania, Tenenge, e empresas estatais como o Banco do Brasil, a Petrobrás, a Interbrás e ENGESA. A empreiteira de capital nacional Andrade Gutierrez também realizou serviços no Chile. Assim, os negócios brasileiros no Chile ajudaram a amenizar os efeitos da crise econômica.

Todavia, a partir da década de 1980 essas relações mudaram um pouco de sentido. Os chilenos passaram a importar cada vez mais artigos industriais de países como Coréia do Sul, China, Indonésia, Cingapura e Japão, “país para o qual a liberdade de importações que existe no Chile se constituiu em exemplo a ser estimulado”²³.

A balança comercial com o Brasil começou a apresentar déficits, o Chile também ingressou em uma severa crise econômica a partir de 1982 e esses fatores levaram os dirigentes chilenos a diminuir as importações. Em relação ao Brasil, a recessão econômica se aprofundou e cada vez mais e ficaram escassos os investimentos no setor externo. Por fim, mudanças políticas no país fomentaram uma atitude de maior distanciamento em relação ao Chile, o que estudaremos no próximo tópico.

²¹ . Francisco Luna e Herbert Klein. 2014. “Transformações econômicas no período militar”. En: A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964 (Rio de Janeiro: Zahar, 2014): 104-109.

²² Divisão de Segurança e Informações do Ministério das Relações Exteriores. 1980. “Síntese das atividades da embaixada em 1979. Resumo analítico da Conjuntura chilena em 1979”. 21.01.1980, p. 18.

²³ Divisão de Segurança e Informações do Ministério das Relações Exteriores. 1980. “Síntese das atividades da embaixada em 1979. Resumo analítico da Conjuntura chilena em 1979”. 21.01.1980, pp. 15-16.

3. DIPLOMACIA E POLÍTICAS EXTERIORES

Nesse campo, as relações brasileiro-chilena também foram marcadas pelos vínculos de cooperação e proximidade na maior parte dos temas tratados. A primeira demonstração de apoio do governo Médici à recém-instalada ditadura chilena foram os já citados reconhecimento público e assinaturas dos primeiros acordos econômicos. No mesmo período, uma das ambições do governo chileno era se aproximar dos países vizinhos. Desta forma, existiu desde os primórdios da ditadura chilena uma afinidade com a ditadura brasileira²⁴.

Paralelamente a esses eventos, em outubro de 1973, o ministro das Relações Exteriores do Chile, almirante Ismael Huerta, conversou o secretário de Estado dos EUA, Henry Kissinger, e outras autoridades estadunidenses sobre a possibilidade da venda de armas, munições e outros equipamentos militares dos EUA para o Chile. Mas, Kissinger afirmou tal negócio não poderia ser realizado porque parcelas da opinião pública e do Congresso dos EUA estavam contra o governo Pinochet. Diante de tal realidade, chilenos e americanos concluíram que uma solução possível era recorrer ao governo Médici, o qual concordou com tal proposta e iniciou negociações que foram concluídas pelo seu sucessor, o general Geisel. Este, por sua vez, abriu secretamente em julho de 1974 uma linha de crédito de US\$ 40 milhões para que os chilenos comprassem materiais e equipamentos bélicos de empresas brasileiras ou instaladas no Brasil. Seus principais subordinados também trabalharam nesse projeto e contataram empresas públicas, privadas e enviaram também materiais solicitados pelos chilenos e que não estavam disponíveis a venda. As documentações atestam o envio de materiais até o ano de 1978 e informam também a realização de várias reuniões entre militares dos dois países²⁵.

²⁴ Un año de construcción. Mensaje Presidencial: 11 septiembre 1973-11 septiembre 1974 (Santiago: 1974), 65.

²⁵ US Department of State, Canonical ID: 1973STATE202418_b. "Bilateral meeting: foreign minister Huerta with assistant secretary Kubisch". 12.10.1973. https://wikileaks.org/plusd/cables/1973STATE202418_b.html Consulta em 11.05.2017. US Department of State, Canonical ID:1973STATE205536_b. "Discussion of economic problems with chilean foreign minister and delegation, october 11". https://wikileaks.org/plusd/cables/1973STATE205536_b.html Consulta em 11.05. 2018. Divisão de Segurança e Informações do Ministério das Relações Exteriores. 1974. "Venda de equipamento militar ao Chile. Financiamento". 10.06.1974. Arquivo Nacional (RJ). Divisão de Segurança e Informações do Ministério das Relações Exteriores. 1974. "Aquisição de armamento pelo Chile no Brasil. Crédito". 13.06.1974. Arquivo Nacional (RJ).

Paralelamente aos acontecimentos descritos no último parágrafo, o general Augusto Pinochet compareceu à solenidade de posse do general Ernesto Geisel em março de 1974 e essa foi a primeira viagem oficial do líder chileno. Em tal ocasião, os dois ditadores conversaram privadamente e concordaram em reativar a Comissão Mista Brasil-Chile, suspensa desde 1968. Nos dias posteriores, o general Pinochet na cidade do Rio de Janeiro, no atualmente extinto estado da Guanabara, onde visitou unidades castrenses e participou de eventos com políticos e militares. Posteriormente, ele esteve em Niterói, capital do estado do Rio de Janeiro, e foi recebido governador estadual Raimundo Padilha e por outros líderes e militantes do partido governista, a Aliança Renovadora Nacional (ARENA)²⁶.

A presença de Pinochet no Brasil teve implicações na política interna de tal país porque ela foi criticada por José Francisco Pinto, deputado federal pelo partido de oposição legal, o Movimento Democrático Brasileiro (MDB). Em resposta às declarações de Francisco Pinto, o ministro Armando Falcão (Justiça), por determinação do general Geisel, iniciou um processo contra Francisco Pinto com base na Lei de Segurança Nacional para punir o parlamentar. Essa medida recebeu apoio dos principais líderes da ARENA e o deputado do MDB foi julgado em outubro de 1974 pelo Supremo Tribunal Federal (STF), condenado a seis meses de prisão e teve os direitos políticos suspensos. Posteriormente, foi libertado e absolvido em tal ação STF²⁷.

Outra característica das boas relações entre as duas ditaduras foi o apoio prestado pelo Brasil ao Chile nos organismos internacionais em momentos em que vários países do mundo se organizaram para boicotar o governo chileno e acentuar o isolamento que Pinochet e seus aliados foram colocados nos primeiros anos de ditadura. Assim, juntamente com a Argentina, os brasileiros trabalharam para que o Chile recebesse créditos no BIRD. Os países sul-americanos também conseguiram que a Alemanha Ocidental disponibilizasse recursos para esse mesmo projeto apesar da oposição dos governos da Dinamarca, Bélgica e Inglaterra²⁸. Os diplomatas

²⁶ Jornal do Brasil. “Pinochet será hóspede de Padilha hoje em Niterói”. 18.03.1974, p. 03. Jornal do Brasil. “Pinochet volta sem dar entrevista”. 19.03.1974, p. 12. Jornal do Brasil. “Compra de gás chileno será negociada na Comissão Mista”. 26.03.1974, p. 25.

²⁷ Pinto, Francisco. “Depoimento”. En: Autênticos do MDB: Semeadores da democracia (São Paulo: Paz e Terra, 1998): 177-186.

²⁸ República de Chile: Actas de la Junta de Gobierno (Santiago): “Acta n. 276-A”. 29.07.1974, pp. 02-03.

brasileiros também trabalharam para que Argentina e Chile não entrassem em guerra da disputa das ilhas no canal do Beagle²⁹.

No ano de 1977, James Earl Carter (Jimmy Carter), do Partido Democrata, assumiu a presidência dos EUA e pôs em prática um programa de governo que, em relação à América Latina, tinha como um dos pilares fundamentais a realização de pressões políticas e diplomáticas para que os governos ditatoriais reduzissem os abusos e as violações aos direitos Humanos dos presos políticos e da sociedade em geral. Juntamente com essa política pró-direitos humanos, Carter e seus auxiliares também desejavam que as ditaduras latino-americanas fossem substituídas por sistemas políticos não ditatoriais e aliados dos EUA. Assim, eles estiveram dispostos a apoiar a oposição liberal latino-americana.

No decorrer do governo Carter, a administração estadunidense aprovou sanções econômicas e armamentistas ao Chile e abriu espaço para a oposição liberal brasileira e chilena a se expressarem contra as ditaduras. Os diplomatas dos EUA atuaram na Organização das Nações Unidas (ONU) e na Organização dos Estados Americanos (OEA). Diante dessas ofensivas, os governos Geisel e Pinochet se uniram em votações na OEA, na ONU e em outros fóruns internacionais³⁰

Em março de 1979, o general Geisel foi sucedido pelo general João Figueiredo após mais uma eleição não democrática que ocorreu na ditadura brasileira e a missão chilena que compareceu às solenidades de posse presidencial foi composta pelo tenente-general Cesar Raul Benevides, ministro da Defesa, e por Roberto Kelly Vasquez, ministro da Economia.

O general Figueiredo e sua equipe mantiveram o bom nível de entendimento com o Chile em uma conjuntura em que o país atravessava o já citado “Milagre Chileno”. Todavia, o sucesso econômico da ditadura chilena não se traduziu em prestígio internacional uma vez que o país continuou sendo desprezado em vários círculos interacionais e a ações do governo Jimmy Carter aprofundaram tal situação. Em março de 1980, o general Pinochet decidiu iniciar uma série de visitas oficiais a

²⁹ Jornal do Brasil “Silveira exalta relações com Chile”. 06.06.1976, p. 13. Jornal do Brasil, “Embaixador chileno diz que aliança tem que ser no TIAR”. 15.09.1976, p. 02.

³⁰ Jornal do Brasil. “EUA e México não vinculam terror a direitos humanos”. 20.06.1977, p. 08. Jornal do Brasil. “OEA recomenda defesa enérgica dos direitos”. 23.06.1977, p. 08. Jornal do Brasil. “Brasil acha desrespeitoso projeto da OEA”. 24.06.1977, p. 08. Jornal do Brasil. “Comitê da ONU acusa o Chile”. 09.12.1977, p. 13. Jornal do Brasil. “OEA repudia tortura e atos de terrorismo”. 02.07.1978, p. 14.

países asiáticos mas foi mal recebido nas ilhas Fiji e nas Filipinas. Como resultado, Pinochet retornou humilhado à Santiago.³¹

Nesse contexto de crise que foi organizada a visita oficial do general João Figueiredo ao Chile. Contudo, o quadro político brasileiro era parcialmente diferente daquele que Pinochet conheceu em 1974 porque a gestão Ernesto Geisel começou a implementar uma série de reformas e ações políticas visavam substituir o regime ditatorial vigente desde 1964 por uma forma restrita e elitista de democracia. Esse programa de Transição Política também tem sido conhecido como projeto de “descompressão política” ou “abertura política” e foi concebido para que o governo ditatorial mantivesse o controle das diretrizes gerais em todo o processo político. Contudo, dois efeitos não esperados foram a reorganização de setores da oposição e o fortalecimento do MDB durante todo o governo Geisel. Visando enfraquecer a oposição, o general Figueiredo e seus aliados promoveram uma reforma eleitoral e reinstituíram o pluripartidarismo a fim de dividir a oposição partidária.

Contudo, assim como parte significativa do MDB, os líderes dos novos partidos de oposição não viam com bons olhos os laços de fraternidade entre as ditaduras brasileira e chilena e, diante da lei que determinava que um presidente necessitava da sanção do congresso para fazer uma viagem internacional, os partidos de oposição decidiram boicotar as sessões dedicadas à aprovação da viagem ao Chile a fim de demonstrar suas objeções.

Assim, na primeira sessão da Câmara responsável por votar a permissão de Figueiredo, um terço dos parlamentares do Partido Popular (PP) e a totalidade dos membros do Partido Democrático Trabalhista (PDT) votaram contra o governo. Os membros do Partido dos Trabalhadores (PT) e a maioria do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) se ausentaram de tal sessão. Os quatro partidos citados eram oficialmente de oposição, embora o PP colaborasse frequentemente com o governo. Em resposta a essas atitudes, o deputado Nelson Marchezan era líder da agremiação governista, o Partido Democrático Social (PDS), e em nome do governo declarou que os congressistas não deveriam julgar as ações e instituições de outros países.

O governo levou 15 dias para obter a aprovação congressual e na sessão em que obteve a sanção presidencial, após um acordo com membros do PP, do PMDB e

³¹ Muñoz, Heraldo. 2000. A sombra do ditador: memórias políticas do Chile sob Pinochet (Rio de Janeiro: Zahar, 2000): 140-144.

do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), o líder do PMDB, deputado Freitas Nobre, retira-se do plenário em protesto e afirmou que a vista oficial de Figueiredo prestigiaria um governo que “conquistou o status de ditadura-símbolo (sic) do mundo” e que não foi escolhido por seu povo³². A posição da oposição brasileira teria importantes consequências ao longo da década de 1980.

O general João Figueiredo desembarcou em Santiago em 08 de outubro de 1980 e foi recebido por milhares de chilenos convocados pelo governo Pinochet, o qual decretou recesso escolar e favoreceu a confecção de bandeiras brasileiras que enfeitaram Santiago. Os generais Figueiredo e Pinochet conversaram sobre vários assuntos e o brasileiro enfatizou a necessidade da construção de uma unidade latino-americana em fóruns internacionais através do esforço de cada país em abandonar suas diferenças políticas e ideológicas em prol da superação do subdesenvolvimento e da construção de uma ordem internacional mais igualitária. Pinochet, em seus discursos, não discordou de tais termos e afirmou que os países e organizações como a ONU deveriam não intervir em assuntos internos de outras nações.

Ambos assinaram uma declaração conjunta que anunciava novos acordos bilaterais, condenava todas as formas de violência política, o protecionismo econômico, e ainda sugeria a inauguração de uma nova ordem mundial baseada na igualdade entre os países ricos e pobres. Durante a elaboração de tal documento, os chilenos sugeriram artigos condenando o terrorismo no Cone Sul e a intromissão de organismos internacionais em assuntos internos dos países; mas o Brasil sugeriu um documento mais brando e fez valer sua orientação³³.

A viagem de Figueiredo representou o auge das relações entre Brasil e Chile, a qual não foi marcada por um alinhamento total uma vez que a diplomacia brasileira não compartilhava da crítica que as autoridades chilenas faziam da política de apaziguamento político, militar e diplomático entre os EUA e a União Soviética (URSS), a chamada “política da Detente”. Segundo os chilenos, tal política era utilizada como arma pelos comunistas para impor sua “tirania” perante o mundo com a certeza que não seriam retalhados pelos EUA.³⁴ Os chilenos também adotaram uma política externa ancorada no anticomunismo enquanto os brasileiros,

³² Jornal do Brasil. “PDS não consegue aprovar licença para Figueiredo viajar”. 24.09.1980, p. 02. Jornal do Brasil. “Visita ao Chile será econômica”. 03.10.1980, p. 02.

³³ Jornal do Brasil. “Figueiredo convida Pinochet para vir ao Brasil”. 10.10.1980, p. 04. Jornal do Brasil. “Comunicado conjunto não teve novidades”. 11.10.1980, p. 04.

³⁴ Jornal do Brasil. “Kissinger condena violações aos direitos humanos”. 09.06.1976, p. 08.

a partir do governo Geisel, praticaram uma orientação mais pragmática e fizeram acordos comerciais com vários países do bloco socialista³⁵.

Todavia, as diferenças políticas no interior do Brasil passaram a refletir cada vez mais nas relações diplomáticas entre os dois países porque as oposições brasileiras passaram a apoiar abertamente os grupos chilenos de resistência ao governo Pinochet. Por exemplo, Eduardo Frei era dirigente do Partido Demócrata Cristão (PDC), ex-presidente do Chile (1964-1970), militava na oposição moderada à ditadura, esteve no Brasil em agosto de 1980 e foi recebido com entusiasmo por membros do PMDB, do PP e até mesmo por parlamentares governistas do PDS, como Luís Vianna Filho (o presidente do Senado).

Em setembro de 1980, a presença de senador Paulo Brossard, líder do PMDB no senado, a um jantar oferecido pelo embaixador no Chile despertou severas críticas da maior parte dos membros do PMDB³⁶. Os parlamentares conservadores também atuaram a fim de contrapor as críticas da oposição brasileira ao Chile. Assim, uma comitiva de parlamentares brasileiros fez uma visita oficial ao Chile em dezembro de 1983. A maioria dela era composta por membros do PDS e eles foram recebidos pelos membros da Junta Militar. Em uma declaração conjunta, brasileiros e chilenos reafirmaram os laços de amizade entre os dois países, a luta comum que ambos travavam contra o comunismo e o subdesenvolvimento e o respeito que nutriam pelas instituições políticas existentes em cada um dos estados³⁷.

Essa iniciativa dos parlamentares conservadores não foi suficiente para abrandar a principal crítica que as oposições brasileiras e chilenas faziam às orientações política do general Pinochet e de sua equipe de governo: a falta de vontade de promover mudanças políticas no sentido de redemocratizar o Chile. As opiniões contrárias ao governo Pinochet se elevaram após a vitória de Tancredo Neves no colégio eleitoral em 1985. Tal político, que foi eleito sucessor do general João Figueiredo, tinha poucas simpatias pela ditadura chilena e fez comentários a favor da Alianza Democrática (AD), uma coalizão chilena da oposição liberal-democrática. Tal posicionamento incomodou membros do governo chileno como Sergio Onofre Jarpa (ministro do Interior do Chile), o qual afirmou que ninguém

³⁵ Ministério das Relações Exteriores. "Relatório 1974" (Brasília: Serviço de publicações da divisão de documentação diplomática, 1974): 55.

³⁶ Jornal do Brasil. "PMDB continuará pedindo verificação". 24.09.1980, p. 02.

³⁷ República de Chile: Actas de la Junta de Gobierno (Santiago): Acta nº 37/83-E, 13.12.1983, pp. 01-06.

estava autorizado a dar lições aos chilenos sobre o que fazer e tampouco intervir nos assuntos internos do país³⁸.

Tancredo Neves não chegou a tomar posse porque adoeceu nas vésperas da cerimônia e faleceu dias depois. Contudo, uma solenidade de passagem de governo foi realizada e José Sarney, vice-presidente da chapa de Tancredo Neves, foi empossado presidente do Brasil. Em tal ocasião, os representantes da oposição chilena, liderados por Gabriel Valdez, foram tratados com mais reverência do que os representantes do governo Pinochet, como Ricardo Garcia (ministro das Relações Exteriores)³⁹.

No decorrer da gestão de José Sarney, as relações diplomáticas entre Brasil e Chile continuaram cordiais. Todavia, não havia mais o ambiente de fraternidade pública entre os governos dos dois países e com mais frequência os partidos de posição demonstravam seus apoios à oposição moderada chilena e quando os últimos venceram a proposta do general Pinochet no plebiscito de outubro de 1988, houve júbilos também no Brasil.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudamos nesse trabalho que as conexões entre os órgãos de repressão não foram o único campo em que as lideranças ditatoriais atuaram em sintonia a fim de consolidar a ordem que defendiam uma vez que os laços econômicos e os acordos diplomáticos entre os regimes também foram importantes na estratégia da construção de uma nova ordem que os ideólogos e dirigentes ditatoriais visavam implantar a partir dos golpes militares. No que diz respeito à economia, ambos os regimes buscavam legitimar sua existência com um bom desempenho econômico. Assim, embora seguissem orientações diferentes, desenvolvimentista no Brasil e neoliberal no Chile, os líderes dos dois países trabalharam juntos para fomentar a estabilidade econômica mútua, o que, de acordo com o ideário da DSN, reduziria a influência comunista. Em relação às políticas exteriores, entre 1974 a 1985, período em que o Brasil foi governado por militares, existiu um ambiente de significativa fraternidade entre ambos os países, ainda que houvesse pontos de divergências.

³⁸ Jornal do Brasil. “Chile reage a apoio à oposição”. 19.01.1985, p. 03. Jornal do Brasil. “Estremecimento”. 26.01.1985, p. 31.

³⁹ Jornal do Brasil. “Desistências já são sete. Dumas não vem”. 14.03.1985, p. 04. Jornal do Brasil. “Ortega acusa EUA de recusar o diálogo e promover a violência”. 17.03.1985, p. 16.

Contudo, a partir do governo José Sarney, as boas relações passaram para o campo da diplomacia secreta uma vez que grande parte da elite política brasileira de então era simpática a oposição ditatorial.

Os contatos entre as duas ditaduras também influenciaram as duas elites ditatoriais e moldaram a visão de mundo sobre seus países e os outros, o que influenciou nos acordos econômicos e diplomáticos. Contudo, esse será o assunto de trabalhos futuros.

5- REFERENCIAS

Documentos, Jornais e Revista

Chile, “Acta N. 277-A” In: *República de Chile: Actas de la Junta de Gobierno*. Santiago: 27.08.1975.

_____, “Acta n. 276-A”. 29.07.1974,

_____, “Acta nº 37/83-E”. Acta nº 37/83-E, 13.12.1983.

Chile, *Un año de construcción. Mensaje Presidencial: 11 septiembre 1973- 11 septiembre 1974*. Santiago: 1974.

_____, *Mensaje presidencial. 11 septiembre 1976 – 11 septiembre 1977*. Santiago: Gendarmeria de Chile, 1977.

Jornal do Brasil, Jornal do Brasil.

MRE, Ministério das Relações Exteriores. “Relatório 1973”. Brasília: Serviço de publicações da divisão de documentação diplomática, 1973.

_____, “Venda de equipamento militar ao Chile. Financiamento”. 10.06.1974. Arquivo Nacional (RJ)

_____, “Aquisição de armamento pelo Chile no Brasil. Crédito”. 13.06.1974. Arquivo Nacional (RJ).

_____, “Síntese das atividades da embaixada em 1979. Resumo analítico da Conjuntura chilena em 1979”. Arquivo Nacional (RJ).

OESP, O Estado de São Paulo. “Arquivos revelem como Brasil ajudou a ditadura chilena”. 27.04.2014, <http://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,arquivos->

revelam-como-brasil-ajudou-a-ditadura-chilena-imp-,1159107

Consulta em 26.06.2017.

Livros e Artigos

- Bauer, Caroline. “De Jango, de Silvio Tendler, aos dias de hoje: uma atualização do debate sobre a morte do ex-presidente João Goulart”. In: PADRÓS, Enrique [et. al.]. *A Ditadura de Segurança Nacional no Rio Grande do Sul (1964-1985): história e memória*. Vol. 03. Porto Alegre: Corag, 2010.
- Burns, Mila. “El modelo brasileño: la influencia de Roberto Campos y Cámara Canto en la dictadura chilena”. In: *Nuevo Mundo. Mundos Nuevos*, 2016.
<https://journals.openedition.org/nuevomundo/69707#bodyftn5>
Acesso em 09.10.2018.
- Castro, Antônio Barros de & SOUZA, Francisco E. P. *A economia brasileira em marcha forçada*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1985.
- Comblin, Joseph. *A Ideologia de Segurança Nacional*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- Cueva, Agustín. “Intervencione”. In: GARCIA, Pío. CUEVA, Agustín, MARINI, Rui Mauro & SANTOS, Theotônio dos. “La cuestión del fascismo en América Latina”. *Cuadernos Políticos*, número 18. Editorial Era: México, D.F., octubre-diciembre de 1978.
- Dinges, John. *Os anos do Condor. Uma década de terrorismo internacional no Cone Sul*. São Paulo: Cia das Letras, 2005.
- Gárate, Manuel. *La Revolución Capitalista de Chile: (1973-2003)*. Santiago: Ediciones Universidad Alberto Hurtado, 4ª Edición, 2016.
- Garretón, Manuel. *El processo politico chileno*. Santiago: FLASCO, 1983.
- Luna, Francisco & Klein, Herbert. “Transformações econômicas no período militar”. In: Reis Filho, Daniel A. Ridenti, Marcelo & SÁ Motta, Rodrigo. *A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

- Martins Filho, João. R. “A influência doutrinária francesa sobre os militares brasileiros nos anos de 1960”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 23 Nº 40, 2008.
- O’donnell, Guillermo. *Reflexões sobre os Estados Burocráticos-Autoritários*. São Paulo: Vértice, 1987.
- Robin, Marie-Monique. *Escadrons de la Mort, l'Ecole Française*. Paris: La Decouverte, 2008.
- Soto, Ángel, NÚÑEZ, Rogelio & Garay, Cristián.
- Tapia Valdés, Jorge A. *El terrorismo de Estado. La Doctrina de la Seguridad Nacional en el Cono Sur*. México D.F: Nueva Sociedad/Editorial Nueva Image, 1980.
- Verdugo, Patricia. *A caravana da morte*. Rio de Janeiro: Revan, 2008.